

A Geografia na Contemporaneidade

2

Ingrid Aparecida Gomes
(Organizadora)

 **Atena**
Editora

Ano 2018

Ingrid Aparecida Gomes
(Organizadora)

A Geografia na Contemporaneidade 2

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

G345 A geografia na contemporaneidade 2 [recurso eletrônico] / Ingrid Aparecida Gomes. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018. – (A Geografia na Contemporaneidade; v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-019-3

DOI 10.22533/at.ed.193182112

1. Geografia – Educação. 2. Geografia humana. I. Gomes, Ingrid Aparecida. II. Série.

CDD 910

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra *“A Geografia na Contemporaneidade- Geografia, educação e território”* aborda uma série de livros de publicação da Atena Editora, em seu II volume, apresenta, em seus 26 capítulos, discussões de diversas abordagens da Geografia humana, com ênfase na educação, comunidades tradicionais e território.

A Geografia humana engloba, atualmente, alguns dos campos mais promissores em termos de pesquisas atuais. Esta ciência geográfica estuda as diversas relações existentes (sociais, educação, gênero, econômicas e ambientais), no desenvolvimento cultural e social.

A percepção espacial possibilita a aquisição de conhecimentos e habilidades capazes de induzir mudanças de atitudes, resultando na construção de uma nova visão das relações do ser humano com o seu meio, e, portanto, gerando uma crescente demanda por profissionais atuantes nessas áreas.

A ideia moderna da Geografia humana, refere-se a um processo de mudança social geral, formulada no sentido positivo e natural, temporalmente progressivo e acumulativo, segue certas regras, etapas específicas e contínuas, de suposto caráter universal. Como se tem visto, a ideia não é só o termo descritivo de um processo e sim um artefato mensurador e normalizador das sociedades, tais discussões não apenas mais fundadas em critérios de relação homem e meio, mas também são incluídos fatores como educação, comunidades tradicionais, território.

Neste sentido, este volume é dedicado a Geografia humana. A importância dos estudos geográficos dessa vertente, é notada no cerne da ciência geográfica, tendo em vista o volume de artigos publicados. Nota-se também uma preocupação dos Geógrafos e profissionais de áreas afins, em desvendar a realidade dos espaços geográficos.

Os organizadores da Atena Editora, agradecem especialmente os autores dos diversos capítulos apresentados, parabenizam a dedicação e esforço de cada um, os quais viabilizaram a construção dessa obra no viés da temática apresentada.

Por fim, desejamos que esta obra, fruto do esforço de muitos, seja seminal para todos que vierem a utilizá-la.

Ingrid Aparecida Gomes

SUMÁRIO

GEOGRAFIA, EDUCAÇÃO E TERRITÓRIO

CAPÍTULO 1	1
COMO APRENDEMOS A ENSINAR GEOGRAFIA? A EXPERIÊNCIA DO PRÉ-VESTIBULAR SOCIAL	
Ana Carolina Lydia	
DOI 10.22533/at.ed.1931821121	
CAPÍTULO 2	16
GEOGRAFIA NAS SÉRIES INICIAIS: OBSERVAÇÃO DO ENSINO E UMA ANÁLISE DA PERSPECTIVA DO ALUNO E DO PROFESSOR NA CIDADE DE CAICÓ/RN	
Iapony Rodrigues Galvão	
DOI 10.22533/at.ed.1931821122	
CAPÍTULO 3	25
O CONCEITO DE LUGAR NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS	
Ismael Donizete Cardoso de Moraes	
Vanilton Camilo de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.1931821123	
CAPÍTULO 4	36
POLÍTICA PÚBLICA “ESCOLA DA TERRA”: PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA PARA OS PROFESSORES DAS ESCOLAS DO CAMPO NA BAHIA	
Cássia Hack	
Celi Nelza Zülke Taffarel	
Sicleide Gonçalves Queiroz	
DOI 10.22533/at.ed.1931821124	
CAPÍTULO 5	48
A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR E AS DICOTOMIAS ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA	
Reinaldo Pacheco dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.1931821125	
CAPÍTULO 6	63
AÇÕES PARA O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA AOS HAITIANOS NO BRASIL	
Fátima Regina Cividini	
Valdir Gregory	
DOI 10.22533/at.ed.1931821126	
CAPÍTULO 7	76
COMUNIDADE QUILOMBOLA DO MARACUJÁ EM CONCEIÇÃO DO COITÉ- BA: UMA LEITURA SOCIOESPACIAL DA REALIDADE.	
Romisval Silva dos Santos	
Elane Bastos de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.1931821127	

CAPÍTULO 8 83

COMUNIDADES TRADICIONAIS DE FUNDOS DE PASTO NA DEFESA PELOS DIREITOS TERRITORIAIS: O QUE ESPERAR DA LEI ESTADUAL 12.910/2013

[Vanderlei Rocha Lima](#)

DOI 10.22533/at.ed.1931821128

CAPÍTULO 9 95

O RETORNO DOS KAINGANG À TERRA INDÍGENA INHACORÁ APÓS A DESAPROPRIAÇÃO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

[Alice do Carmo Jahn](#)

[Gabriela Manfio Pohia Lisboa Neris](#)

[Elaine Marisa Andriolli](#)

[Antônio Joreci Flores](#)

[Maria da Graça Porciúncula Soler](#)

DOI 10.22533/at.ed.1931821129

CAPÍTULO 10 109

DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL SUSTENTÁVEL: UMA ANÁLISE DO ASSENTAMENTO NOVA ESMERALDA DO TERRITÓRIO RURAL DOS CAMPOS DE CIMA DA SERRA - RS

[Alessandra Daiana Schinaider](#)

[João Ernesto Pelissari Candido](#)

[Daiane Netto](#)

[Anelise Daniela Schinaider](#)

DOI 10.22533/at.ed.19318211210

CAPÍTULO 11 118

O ESTADO QUE DÁ COM UMA MÃO E NEGA COM A OUTRA: A ATUAL CUJUNTURA DOS TERRITÓRIOS INDÍGENAS NO BRASIL PELO Cimi

[Yasmine Altimare da Silva](#)

DOI 10.22533/at.ed.19318211211

CAPÍTULO 12 127

TERRITORIALIDADE CONSCIENCIOLÓGICA: CARACTERIZAÇÃO DE UM FLUXO MIGRATÓRIO FRONTEIRIÇO

[Cristiane Ferraro Gilaberte da Silva](#)

[Valdir Gregory](#)

DOI 10.22533/at.ed.19318211212

CAPÍTULO 13 141

TERRITÓRIO, TERRITORIALIDADES E O TURISMO COMO DESENVOLVIMENTO REGIONAL NA TRÍPLICE FRONTEIRA BRASIL, PARAGUAI E ARGENTINA

[Guilherme de Barros Melo](#)

[Orlando Bispo dos Santos.](#)

DOI 10.22533/at.ed.19318211213

CAPÍTULO 14 152

TRAMAS QUE APROXIMAM A JUVENTUDE RURAL NO TERRITÓRIO CENTRO-SUL DO PARANÁ: OLHARES DESDE AS IDENTIDADES, A AUTONOMIA E A TERRITORIALIDADE

[Cristiane Tabarro](#)

[Alvori Ahlert](#)

[Valdinéia Ferreira](#)

DOI 10.22533/at.ed.19318211214

CAPÍTULO 15	165
O DESEMPENHO DA POLÍTICA TERRITORIAL NO DESENVOLVIMENTO RURAL DO TERRITÓRIO VALE DO PARAÍBA	
Maria José Ramos da Silva Renata Felinto Farias Aires Rosivaldo Gomes de Sá Sobrinho	
DOI 10.22533/at.ed.19318211215	
CAPÍTULO 16	182
OS CONFLITOS NO CAMPO DO TOCANTINS: A BARBÁRIE PERMANECE	
Alberto Pereira Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.19318211216	
CAPÍTULO 17	193
UM OLHAR SOBRE O TERRITÓRIO	
Julie Mathilda Semiguem Pavinato Emerson Ferreira da Silva Irene Carniatto	
DOI 10.22533/at.ed.19318211217	
CAPÍTULO 18	208
AS TESSITURAS DO MUNDO DO TRABALHO EM ITABAIANA-SE	
José Danilo Santos Cavalcanti de Araujo Maria Morgana Santos Santana Lucas de Andrade Lira Miranda Cavalcante	
DOI 10.22533/at.ed.19318211218	
CAPÍTULO 19	218
DO CONCRETO A MEMÓRIA: O MONUMENTO COMO REPRESENTAÇÃO	
Samuel Cabanha André Avelino Cabanha	
DOI 10.22533/at.ed.19318211219	
CAPÍTULO 20	233
ELEMENTOS ESPACIAIS E CENTRALIDADE PERIFÉRICA - O CASO DE TEFÉ NO AMAZONAS	
Kristian Oliveira de Queiroz	
DOI 10.22533/at.ed.19318211220	
CAPÍTULO 21	249
FORMAS DE ACESSO Á TERRA EM FEIRA DE SANTANA (BA): UMA ANÁLISE A PARTIR DO TERRITÓRIO.	
Ângela Carine Felix de Oliveira Matos Gilmar Oliveira da Silva Elane Bastos de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.19318211221	
CAPÍTULO 22	260
REPRESENTAÇÕES DOS CONSELHEIROS SOBRE A ARTICULAÇÃO CULTURA E NATUREZA NA GESTÃO DA ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL SERRA DONA FRANCISCA	
Fernanda Dalonso Mariluci Neis Carelli	
DOI 10.22533/at.ed.19318211222	

CAPÍTULO 23	269
O PROGRAMA MINHA CASA MINHA VIDA, ESPECULAÇÃO FUNDIÁRIA E O CONJUNTO HABITACIONAL NAIR BARRETO NA CIDADE DE XIQUE-XIQUE-BA	
Janes Terezinha Lavoratti Marciel Todão da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.19318211223	
CAPÍTULO 24	280
PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO EM CIDADES PEQUENAS: UM ESTUDO DE GUARACIAMA/MG	
Aline Fernanda Cardoso Valéria Aparecida Moreira Costa Iara Soares de França	
DOI 10.22533/at.ed.19318211224	
CAPÍTULO 25	294
EVOLUÇÃO DEMOGRÁFICA DO MUNICÍPIO DE JUIZ DE FORA/MG, NO PERÍODO 1850/1920: POPULAÇÃO, CAFÉ E TERRITÓRIO	
Pedro José de Oliveira Machado	
DOI 10.22533/at.ed.19318211225	
CAPÍTULO 26	309
TURISMO RELIGIOSO: UMA ANÁLISE DO SANTUÁRIO BOM JESUS DA CANA VERDE – SIQUEIRA CAMPOS – PR	
Guilherme Ferrari Oliveira Rodrigo Aparecido Mendonça Vanessa Maria Ludka	
DOI 10.22533/at.ed.19318211226	
SOBRE A ORGANIZADORA	319

AÇÕES PARA O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA AOS HAITIANOS NO BRASIL

Fátima Regina Cividini

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Mestre e Doutoranda pelo Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Sociedade, Culturas e Fronteiras. Foz do Iguaçu – Paraná

Valdir Gregory

Universidade Estadual do Oeste do Paraná – (UNIOESTE). Pesquisador na área de migrações. Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Docente do Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Sociedade, Culturas e Fronteiras – Nível Mestrado e Doutorado

RESUMO: Depois do terremoto de 2010 que devastou o Haiti, os haitianos viram no Brasil uma nova oportunidade de recomeçar suas vidas. A maioria dos haitianos que buscam o Brasil como destino não têm domínio do português, e isto pode ser uma barreira na hora de conseguir uma vaga de emprego ou se comunicar com a população local. Este estudo buscou compreender e apresentar as ações realizadas por entidades públicas e privadas com o objetivo de ensinar o português para os imigrantes. Foram encontradas 20 reportagens que tratassem de cursos em andamento ou concluídos. Os cursos foram ministrados por órgãos do governo, entidades religiosas ou voluntários que tinham vontade de ensinar o

português. O idioma é considerado uma barreira na hora de buscar um emprego ou realizar tarefas diárias que necessitem da comunicação oral ou escrita com os brasileiros. O português pode ser considerado uma língua difícil de aprender, devido a várias regras ortográficas e suas exceções.

PALAVRAS-CHAVE: Haiti; Língua Portuguesa; Imigração.

ABSTRACT: After the 2010 earthquake that devastated Haiti, Haitians saw in Brazil a new opportunity to restart their lives. Most Haitians who seek Brazil as a destination do not have a command of Portuguese, and this can be a barrier when it comes to getting a job or communicating with the local population. This study sought to understand and present the actions carried out by public and private entities in order to teach Portuguese to immigrants. There were 20 reports that dealt with ongoing or completed courses. The courses were given by government agencies, religious entities or volunteers who wanted to teach Portuguese. Language is considered a barrier when it comes to finding a job or performing daily tasks that require oral or written communication with Brazilians. Portuguese can be considered a difficult language to learn, due to several orthographic rules and their exceptions.

KEY WORDS: Haiti; Portuguese language;

1 | INTRODUÇÃO

O caminho dos povos se reflete na história das línguas: aquelas das agriculturas antigas que com o pacote mais eficiente dominaram o mundo e hospedaram um enorme número de falantes. Nas Américas temos cerca de mil línguas, 15% das línguas do mundo, faladas por 48 milhões de falantes, ou seja, 0,8% dos falantes do planeta. (RASO et al, 2011)

A língua pode ser definida para Rodrigues (2008) e Pimentel et al (2016) como um corpus e um sistema de nomenclaturas, de terminologias, de campos de conhecimento, de saberes empíricos ou científicos, de sabedoria popular feita de ditados e de provérbios, de associações de ideias e de noções mais elaboradas, como de entonações e de harmonias vocais particulares. Além disso, a língua é um processo cultural, um aspecto constitutivo de um povo em qualquer sociedade. Não se adquire na escola, tampouco depende dos projetos de alfabetização ou letramento para ser adquirida. Ao contrário, é fruto da interação do ser humano com o outro e da sua necessidade de se comunicar e ‘contracenar’ com o ‘outro’ no espaço social.

Em relação à língua portuguesa enquanto língua histórica no Brasil, César e Cavalcanti (2007) verificam que há uma tensão entre os interesses da nação hegemônica e os interesses das sociedades minoritárias, que convivem no mesmo território sob o manto do Estado Brasileiro. O país mantém interna e externamente o mito de nação monolíngue, tornando assim, invisíveis suas minorias linguísticas e socioculturais.

Em janeiro de 2010, um terremoto devastador atingiu o Haiti, resultando em 230.000 óbitos e milhares de feridos. As estruturas administrativa e de saúde foram gravemente comprometidas, com o colapso de hospitais, morte de médicos e enfermeiros, destruição de prédios, recursos de comunicação e de infraestrutura. A catástrofe foi amplificada pela pobreza, grande densidade populacional e má qualidade das construções. (OLIVEIRA, 2010).

Considerando a história migratória do Haiti, Fernandes e Faria (2016) discutem que “a incorporação do Brasil no roteiro migratório não é grande surpresa, mas chama a atenção por se tratar de um novo destino que não era incluído nas escolhas anteriores destes imigrantes.” Além disso, “a presença das tropas brasileiras no Haiti poderia ter contribuído para disseminar a ideia do Brasil como país de oportunidades, principalmente no momento em que grandes obras estavam em execução e a taxa de desemprego em descenso.”

O objetivo desta pesquisa é analisar as reportagens e compreender as ações de órgãos governamentais e iniciativas privadas para o ensino do português aos imigrantes haitianos que chegaram ao Brasil.

2 | KREYÒL AYISYEN, OU CRIOULO HAITIANO

Cotinguiba e Cotinguiba (2014) e Pimentel *et al* (2016) fazem uma linha do tempo desde a história da independência do Haiti até o decreto do crioulo como língua oficial. Ao se tornarem independentes, o francês foi legalmente decretado a língua oficial da Ilha. Porém, o crioulo continuou vivo, nos quatro cantos do Haiti, o que levou, após incessantes lutas empreendidas por linguísticas e intelectuais, desde a década de 1930, na Constituição de 1987, a esperada oficialização do crioulo haitiano como língua oficial do Haiti.

Dessa forma, dota-se o crioulo de um instrumento legal perante a comunidade nacional e, mais importante, no interior de suas fronteiras com a veiculação de livros nesta língua, além da sua difusão por meio dos documentos oficiais, escolarização e tradução de obras de outras línguas. Cadely (2016) faz um resgate do termo crioulo:

O termo “crioulo” surgiu no século XVI, nas colônias ibéricas, para designar indivíduos – filhos de europeus, principalmente espanhóis - nascidos nas colônias do Novo Mundo. Este termo evoluiu ao longo do tempo e passou a se referir também a animais, plantas e roupas típicas daquelas colônias. (...) Não se sabe quando e como o significado do termo “crioulo” mudou, deixando de designar indivíduos e passando a designar as línguas faladas apenas por pessoas de outras origens que não a europeia. De qualquer modo, o termo era usado como referência à forma de uma língua percebida pelos europeus como uma degeneração de suas línguas. (CADELY, 2016, p.309)

Canclini (2011) acrescenta que “a palavra crioula também serviu para referir-se às misturas interculturais. Em sentido estrito, designa a língua e a cultura criadas por variações a partir da língua básica e de outros idiomas no contexto do tráfico de escravos.”

O crioulo haitiano foi se formando da interação entre os escravos de origem africana com os colonos franceses, sob a necessidade de comunicação. De acordo com os estudos de Pimentel, Cotinguiba et al (2016), o crioulo é a língua da revolução que instituiu, de um só golpe, três feitos históricos, a primeira república negra da humanidade, a primeira libertação dos escravos negros do mundo colonial e a primeira nação formada por ex-escravos. (...) O caso do Crioulo haitiano se revela como um modelo de superação e, ao mesmo tempo, um exemplo de como a supremacia de interesses políticos na sociedade haitiana dita os contornos educacionais e socioeconômicos da população e, conseqüentemente, a desigualdade de classes sociais existente no Haiti como um todo.

As relações culturais, para Candau (2008), não são relações idílicas, não são relações românticas; estão constituídas na história e, portanto, estão atravessadas por questões de poder, por relações fortemente hierarquizadas, marcadas pelo preconceito e pela discriminação de determinados grupos. O crioulo é visto como uma língua de “segunda classe” e ainda é estigmatizado.

Conforme os estudos de Cadely (2016) o francês é usado “em muitos dos assuntos formais do Haiti”, enquanto o uso do crioulo como uma língua formal, embora não seja

proibido, continua estigmatizado. O conhecimento do francês é associado a prestígio e poder, enquanto o crioulo é usado para fins de comunicação. Canclini (2011) explica que quando se define uma identidade mediante um processo de abstração de traços (língua, tradições, condutas estereotipadas), frequentemente se tende a desvincular essas práticas da história de misturas em que se formaram. Como consequência, é absolutizado um modo de entender a identidade e são rejeitadas maneiras heterodoxas de falar a língua, fazer música ou interpretar as tradições.

Para César e Cavalcanti (2007), a complexidade da construção identitária se faz na tensão entre a conservação e a valorização do seu patrimônio tradicional, vivo ainda na memória e na vida cotidiana e, ao mesmo tempo, profundamente alterado pelas interlocuções com o mundo de fora, que os quer exóticos em suas vidas e línguas, e fluentes no contato com as línguas alheias.

3 | MATERIAIS E MÉTODOS

Esta pesquisa, em caráter documental e qualitativa, foi realizada em janeiro de 2017, com recorte de tempo das matérias entre de abril de 2012 a novembro de 2016, e se deu em dois momentos. No primeiro momento, foi realizada uma busca motor de busca Google, seção “notícias” com o termo “português para haitianos”, mostrando ao total aproximadamente 8500 resultados divididos em 86 “páginas google”.

No segundo momento, houve uma leitura das reportagens, com o foco de selecionar as que mostram as ações em andamento ou concluídas por voluntários ou entidades públicas e privadas que ensinassem português aos haitianos jovens e adultos que chegaram ao Brasil.

Ao total, 20 reportagens atenderam aos critérios da pesquisa. Destas, 01 (uma) era de 2012, 02 (duas) de 2013, 02 (duas) de 2014, 08 (oito) de 2015 e 07 (sete) de 2016. Quanto aos Estados onde foram publicadas: 02 (duas) no RS, 04 (quatro) em SC, 06 (seis) no PR, 03 (três) em SP, 01 (uma) no MS, 02 (duas) no MT, 01 (uma) em RO e 01 (uma) no AC.

4 | O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA HAITIANOS

Apesar do Brasil parecer ser um país monolíngue, já que quase a totalidade da população é de língua materna portuguesa e já que somente uma parte minoritária da população possui uma certa competência de outra língua, o país, com cerca de quase 200 línguas, é um dos territórios com maior diversidade linguística no mundo: o que esconde, a um olhar superficial, essa realidade é o forte desequilíbrio quantitativo de prestígio entre o português, a língua materna de mais de 170 milhões de brasileiros, e as cerca de 190 línguas indígenas. (RASO et al, 2011) O português ocupa a quinta posição mundial em usuários da internet, e o Brasil corresponde a 85% dos falantes de português no mundo. (CARVALHO, 2012)

4.1 Os organismos que promovem os cursos

Segundo as reportagens analisadas, o Estado – aqui engloba as esferas municipal, estadual e federal – foi o órgão que mais promoveu cursos de língua portuguesa para haitianos. Ao todo, 13 reportagens abordaram que o Estado – através de Secretarias de Educação e projetos relacionados ao acolhimento a imigrantes, em parceria com Centros de Educação para Jovens e Adultos (CEJA), Universidades e Escolas Técnicas Federais ofereceram cursos com direito a certificação para os alunos. Para Villen (2016), principalmente nos primeiros meses de estadia, quando não possuem redes de apoio no Brasil, os haitianos são obrigados a recorrer a ajudas de entidades de caráter religioso ou ONGS para conseguirem moradia, assistência social e jurídica, ou eventualmente, a regularização dos documentos.

Em sua matéria para o Jornal Hora de Santa Catarina, Thomé (2016) mostra o primeiro curso de português para imigrantes realizado na capital catarinense, realizado pela Secretaria de Educação do Estado, com duração de dois anos. Em Campo Grande, Feitosa (2016) para o Jornal Campo Grande News se refere ao curso de português para imigrantes que iniciou em março de 2016, oferecido pelo Centro Estadual de Línguas e Libras, em Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Para aqueles que forem imigrantes do Haiti, o curso foi gratuito.

Ritz (2016), do Jornal Bem Paraná, informa que 120 haitianos concluíram o curso de Língua Portuguesa oferecido pela Secretaria Municipal de Educação de Curitiba. O curso foi realizado nas Escolas Municipais através do projeto Haiti. A reportagem destaca que o projeto Haiti já certificou mais de 500 imigrantes e é desenvolvido desde 2013.

Em segundo lugar, as Entidades Religiosas buscaram montar cursos para atender a demanda. Ao todo, 03 (três) reportagens relataram que as igrejas estavam fornecendo cursos para os imigrantes em caráter voluntário. A primeira matéria, escrita por Silva (2016b) para o Jornal Diário dos Campos, relata que a Caritas, um organismo da Igreja Católica, está montando turmas para o ensino de português para os haitianos de Ponta Grossa, Paraná, de forma gratuita. Voluntários estarão ministrando as aulas. Estas aulas são organizadas pelo Grupo de Trabalho de Imigrantes, também desenvolvido pela Caritas, que atende 15 haitianos e suas famílias na cidade.

O G1 de São Paulo (2015) informa que voluntários ligados à Igreja Católica se revezam para ensinar o português para 80 haitianos que vivem na região de São José do Rio Preto, em São Paulo. Já na terceira reportagem, do Jornal Diário de Canoas, Figueira (2015) descreve que voluntários da Igreja Adventista se reuniram para ensinar a língua portuguesa aos imigrantes haitianos que vivem na cidade de Canoas-RS.

Logo atrás, 02 (duas) reportagens falam de voluntários independentes. 01 (uma) reportagem aborda o esforço de uma estudante universitária que promove o curso de forma voluntária, como parte do seu projeto para uma disciplina. Noronha (2015), para o Jornal Engleplus, relata que a aluna de direito da UNESC, Thais Scarpato, dá

aulas de português para imigrantes haitianos gratuitamente. As aulas fazem parte de um projeto da disciplina de Ciências Política, de onde partiu a iniciativa da estudante. Uma escola cedeu a sala de aula para que o curso fosse realizado. Apesar do projeto universitário chegar ao fim, a estudante relatou que pretende continuar com as aulas:

A iniciativa surgiu através da disciplina de Ciências Política, ministrada pela professora Janete Trichês no curso de Direito da Unesc. “Nesta disciplina temos que desenvolver um projeto de solidariedade, a critério de cada estudante. E como eu gosto muito de idiomas, tive a oportunidade de aprender o inglês, e o francês, que é a língua deles, tive a ideia de trabalhar com os imigrantes”, conta Thais. ” Após uma reunião na Associação dos Haitianos de Cocal do Sul pela Integração Social, e conversa com a administração municipal, a estudante conseguiu uma sala de aula na Escola Demétrio Bettiol para iniciar o projeto. (NORONHA, 2015)

Outra reportagem, do G1 do Acre, escrita por Fugêncio e Marcel (2015), descreve o trabalho da missionária gaúcha Ires de Costa, freira da Congregação das Irmãs São Carlos Scalabrinianas. A irmã já realiza trabalho voluntário com imigrantes há 15 anos, um dos principais trabalhos da irmã Ires é o ensino do português. No momento, seu trabalho é sozinha, mas a congregação estará encaminhando outras irmãs para o auxílio.

Sobre a parceria público-privada para fornecimento de recursos materiais e humanos para o ensino do idioma, 01 (uma) reportagem foi encontrada. O G1 do Paraná (2012) descreve que a Faculdade Assis Gurgacz (FAG) em parceria com a secretaria Municipal de Educação de Cascavel ministra o curso de português para haitianos que trabalham nas obras da FAG e do Hospital São Lucas.

Apenas 01 (uma) reportagem aborda a iniciativa de uma Organização Não Governamental (ONG) com a mesma finalidade. Fogliatto (2015) reporta que o curso foi oferecido aos imigrantes haitianos e senegaleses que vivem na capital do Rio Grande do Sul. Os imigrantes vivem em um alojamento oferecido pelo poder público. A maioria são haitianos, e as aulas são ministradas pelos voluntários da ONG Afinco (Associação de Filhos Nascidos do Coração), fundada em 2008:

Os alunos eram todos imigrantes haitianos ou senegaleses, alojados no Centro Humanístico Vida, na zona norte de Porto Alegre. O local, que congrega diversas entidades comunitárias e sociais gerido pela Federação Gaúcha de Trabalho e Ação Social (FGTAS), foi o espaço encontrado pelo poder público para abrigar o grupo de cerca de 50 imigrantes que chegaram à capital gaúcha, vindos do Acre, no final de maio. (FOGLIATTO, 2015)

4.2 Metodologia aplicada para o ensino do idioma

Em geral, as reportagens apresentadas mostram uma metodologia facilitada, com o objetivo de ensinar o português utilizando situações do dia a dia: idas ao médico, construção de currículos e entrevistas de emprego, etc. O professor deve ter conhecimentos pedagógicos, linguísticos, psicológicos e sobretudo, necessita sentir-se com o poder de negociar a aprendizagem bilíngue de seus estudantes. Os cursos foram divididos em dois módulos: a escrita, onde o haitiano se capacitaria para escrever

em português e a língua oral, onde ele aprenderia a se comunicar em português.

Ritz (2016), para o jornal Bem Paraná, descreve o curso com atividades cotidianas como elaboração de cadastro de emprego, mediações de entrevista, procedimentos necessários para emissão da carteira de trabalho, procura de emprego, expressões necessárias para comunicação em posto de saúde, pedidos de informação, operação bancária, aluguel de imóvel, compras e relacionamentos. Em outra reportagem para o mesmo jornal em 2015, Ritz também menciona a metodologia do curso:

“O objetivo é ensinar a eles o básico do português para habilitá-los a realizar atividades cotidianas, como fazer carteira de trabalho, procurar emprego, solicitar uma informação ou atendimento médico. A grande maioria dos haitianos tem formação universitária, mas precisa dominar o português para preencher formulários para aluguel de casas, fazer operações bancárias e mesmo relacionar-se socialmente.” (RITZ, 2015)

Os professores se preocupavam em trazer situações do cotidiano para o ensino da língua, e também preparar os alunos para a elaboração do currículo, como mostra a reportagem de Thomé (2016) para o jornal Hora de Santa Catarina: “Esther planejava as aulas de acordo com as necessidades que seus alunos enfrentam. Levou para a turma situações reais, coisas do dia a dia, como ensinar os alunos a elaborarem currículos, entre outras coisas.”

Em andamento na Prefeitura de Pinhais – PR (2015) as aulas do curso intitulado “Português para imigrantes- língua e cultura” terão além das questões idiomáticas, temas fundamentais para a socialização dos estrangeiros.

4.3 As barreiras do idioma

As reportagens ressaltaram que não saber o português é uma barreira para o imigrante na hora de se comunicar e ir em busca de um emprego, e por este motivo há a procura por parte dos haitianos cursos de que ensinem o português.

Thomé (2016) para o jornal Hora de Santa Catarina descreve a fala de um dos entrevistados sobre a necessidade de aprender o português: “‘Tem que buscar aprender cada vez mais, se não fica difícil trabalhar e poder crescer por aqui’, comentou, antes de acrescentar: ‘Vai ser bom para mim e para os meus familiares no Haiti, que vão poder seguir recebendo o dinheiro que mando.’”

Uma das dificuldades relatadas pelos imigrantes na busca de um emprego no Brasil é a língua. Para Feitosa (2016), em reportagem para o jornal Campo Grande News, pois os haitianos têm como línguas maternas o francês e o crioulo haitiano: “Segundo levantamento do Comitê Estadual para os Refugiados e Migrantes em Mato Grosso do Sul, refugiados haitianos alegam, entre as principais dificuldades enfrentadas por eles, está a barreira da língua e a falta de cursos públicos do idioma português para estrangeiros.”

Ritz (2016), para o jornal Bem Paraná descreve que para os imigrantes entrevistados, a falta de fluência no idioma é uma barreira para as tarefas básicas do

dia a dia e a busca de um emprego. Entre os alunos, haviam vários com graduação no Haiti, mas que necessitam do português para poder conquistar uma carreira no Brasil, e jovens que têm interesse em buscar uma graduação através do vestibular. Podemos encontrar reflexões semelhantes em Silva (2016a):

As dificuldades de encontrar trabalho se devem, em primeiro lugar, ao refluxo de mercado de trabalho local e nacional, e em segundo, a falta de qualificação exigida pelo mercado, além do fator linguístico que dificulta a comunicação. Se, por um lado, não dominar o português dificulta a inserção em alguns setores do mercado de trabalho, por outro, falar outras línguas, como o francês, o inglês e o espanhol, pode abrir portas na hora de pleitear um emprego em outros segmentos laborais, como, por exemplo, hotelaria, ensino de idiomas, etc. (SILVA, 2016a, p.216)

Novaes (2013), para o portal Terra, mostra que o idioma é a primeira barreira a ser vencida pelas pessoas que deixaram seus países para fugirem de conflitos políticos e religiosos, guerras civis e da miséria. Para um dos entrevistados, “o idioma é fundamental para que eles possam trabalhar, se inserir no mercado de trabalho”.

Para Noronha (2015), os alunos entrevistados descreveram que estas aulas são importantes para ajudar na convivência social dos imigrantes com os moradores da cidade, e abre oportunidades para quem quer seguir os estudos em uma universidade e/ou buscar emprego:

“Carl-Andy Jean vê nas aulas de português uma oportunidade de melhorar o seu relacionamento com os brasileiros e avançar para um estudo superior. ‘Eu posso dizer que as aulas são muito importantes, e pra (sic) mim é muito legal, porque com essas aulas eu consigo falar e escrever muito melhor’, diz. ” (NORONHA, 2015)

Carvalho (2012) analisa a nova perspectiva de valorização dos contextos multilíngues, no contexto de promover também uma nova visão de relação entre línguas, contribuindo para a construção de uma consciência multilíngue, que destaca positivamente o convívio com outras línguas.

4.4 A interação dos haitianos com o português

Um dos pontos de maior destaque nas reportagens é sobre a interação entre os haitianos e a nova língua a ser dominada. Para César e Cavalcanti (2007), “a língua portuguesa nas suas formas prestigiadas, aparece como um ideal de língua a dominar, diante da crença de que seja possível estabelecer o contato mais simétrico com o outro que se coloca nesses espaços de poder da cultura hegemônica”.

Raso e Melo et al (2011) questionam a questão da inserção do imigrante, inicialmente monolíngue em sua língua, no novo meio, assim como as condições de interação com os habitantes e cidadãos da nova terra, falantes monolíngues nativos do português.

Os haitianos, entretanto, são inicialmente bilíngues pela característica da formação de seu país e a constituição de 1987 considerar dois idiomas como oficiais: o francês e o crioulo haitiano, conforme nos descreve Fogliatto (2015) em sua reportagem para o jornal Sul 21: “Muitos dos imigrantes são bilíngues ou políglotas: os que vêm do Haiti,

país que tem como línguas oficiais o francês e o crioulo, já sabem esses dois idiomas e, muitas vezes, também são fluentes em espanhol. ”

Fernandjes (2014) para o jornal Diário do Grande ABC apresenta reflexões de um dos entrevistados a respeito da similaridade dos idiomas Francês e Português, e do bilinguismo e plurilinguismo dos haitianos:

“A facilidade com que a maior parte dos estudantes adquire fluência no idioma é assustadora, define Vilma. “Podemos considerar que, gramaticalmente, o Francês é parecido com o Português. Além disso, muitos são bilíngues e até trilingues, já que 10% dos meus alunos fala Espanhol”, comenta. Cada sala de aula tem 27 estudantes.” (FERNANDJES, 2014)

Segundo os estudos de Carvalho (2012), a comunicação, a linguagem e o discurso ocupam um lugar de extrema relevância por estarem tanto no cerne das relações produtivas quanto ligadas à construção da identidade social, cultural e política dos indivíduos.

As reportagens descrevem os haitianos como alunos dedicados e esforçados em aprender o português. O G1 (2013), na reportagem sobre o curso promovido pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR), mostra a falta de familiaridade com o idioma como uma dificuldade, e que os imigrantes encontram na mímica uma forma de se expressar quando não conseguem fazer tal ação de forma oral:

“Marília ressalta que, apesar dos alunos serem bem esforçados, não é fácil ensinar a língua para quem nunca teve familiaridade com o idioma. De vez em quando, a professora Jéssica Kethrin lembra que a sala de aula se torna uma bagunça, mas os haitianos não desistem e acham um meio para se comunicar, recorrendo até mesmo as mímicas. “Quando eles começam a falar em crioulo, a gente usa a mímica entre eles”, diz Jéssica Kethrin, estudante de letras da UNIR. ” (G1, 2013)

Segundo a reportagem de Anjos (2016) para o G1 do Mato Grosso, os haitianos, apesar de considerarem o português uma língua difícil por conter muitas regras ortográficas, aprendem-no de forma rápida:

“De acordo com Rafael Lira, na maioria das vezes, os haitianos têm facilidade em aprender mais um idioma. No entanto, a língua portuguesa é um grande desafio para eles. ‘O português é uma língua com muitas regras. Se para nós, que somos brasileiros, já é difícil falar corretamente, com todas as suas regras, imagine para eles? Mas eles aprendem muito rápido, tem uma facilidade muito grande para aprender’, explicou” (ANJOS, 2016)

Thomé (2016) para o jornal Hora de Santa Catarina, descreve a entrevista de uma das alunas, onde a mesma relata que o português é uma língua difícil de aprender, pois tem muitas regras ortográficas:

“Eu já falava crioulo, que é nossa língua no Haiti, francês, espanhol, inglês e agora o português, que vai me ajudar bastante em busca de um no emprego’ — torcia Ysana, que não teve dúvidas quando questionada sobre qual idioma foi mais difícil de aprender: ‘O português é muito complicado, tem muita regrinha. ’ ” (THOMÉ, 2016)

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A língua, além de uma forma de se expressar e de atender à necessidade primária humana de comunicação, é recheada de significados e é parte do patrimônio cultural de um povo. A língua portuguesa é a oitava língua mais falada no mundo, e 85% dos falantes nativos são brasileiros. Apesar do mito de nação monolíngue pelo fato do português ser o único idioma oficial, há cerca de 200 línguas indígenas conhecidas por todo o território brasileiro.

O Haiti foi a primeira nação livre do mundo, entretanto desde a sua independência até a constituição de 1987 o francês – a língua do colonizador – era a única oficial no país, e é até hoje considerada a língua de prestígio. O crioulo haitiano foi formado na mescla do francês com os vários idiomas africanos, trazidos pelos escravos. Apesar de não ter uma forma escrita e ser renegada a uma língua de “segunda classe”, o crioulo haitiano é considerada uma língua de resistência e falada pela maioria da população – apesar de não ter sido ensinada na escola – até a constituição de 1987, que tornou o crioulo haitiano a segunda língua oficial do país, sendo a partir desta data ensinada nas escolas e redação de leis do Haiti.

Em 2010, um terremoto no Haiti causou a morte de mais de 230 mil pessoas e comprometeu seriamente todo o sistema de governo do país, sendo uma das causas da corrente migratória para o Brasil a partir desta data. O Brasil começou a ser visto pelos haitianos como um país de destino, para alguns autores, depois das tropas brasileiras permanecerem no Haiti em missão de paz, onde foi mostrado o Brasil como um país próspero e de oportunidades.

As reportagens apresentadas relatam que os haitianos que chegam ao Brasil pouco ou nada sabem do português, e apenas alguns dominam o espanhol. Há iniciativas públicas por parte das Secretarias de Educação nas esferas municipais e estaduais, e Universidades; e privadas por parte de organizações religiosas e voluntários, buscando formar cursos para o ensino do português para os imigrantes.

A falta de fluência no português, para os haitianos entrevistados nas reportagens, é uma barreira que dificulta as tarefas do dia-a-dia que necessitem interação com os moradores locais e também na hora de conseguir uma vaga de emprego. A principal metodologia aplicada nos cursos apresentados é compreender a realidade vivida pelo imigrante e usá-la para o ensino do idioma, através de situações diárias, montagem de currículo e expressões idiomáticas. Estas metodologias não visam apenas ensinar o português para os haitianos, mas sim inseri-los e facilitar o processo de adaptação ao Brasil.

Os alunos, segundo os professores entrevistados nas reportagens, se referem aos haitianos como esforçados e dedicados, apesar de apresentarem dificuldades em aprender o português. Os alunos relatam que as regras ortográficas dificultam a compreensão do idioma. Os haitianos veem, conforme as notícias o aprendizado do português como uma forma de buscarem melhores empregos e viverem melhor no

Brasil, e poder continuar ajudando seus familiares que ficaram no Haiti.

REFERÊNCIAS

ANJOS, L. Para eliminar barreiras, haitianos se esforçam para aprender o português. **G1**, Mato Grosso, 04 fev. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/2016/02/para-eliminar-barreiras-haitianos-se-esforcam-para-aprender-o-portugues.html>> Acesso em: 23 jan. 2017.

BAENINGER, R. Migração transnacional: elementos teóricos para o debate. In: BAENINGER, R. et al (orgs.). **Imigração Haitiana no Brasil**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

CADELY, J-R. Haiti: A Política da Língua. In: GEDIEL, J. A. P.; GODOY, G. G. **Refúgio e hospitalidade**. Curitiba: Kairós, 2016. Disponível em: <http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/documentacao_e_divulgacao/doc_biblioteca/bibli_servicos_produtos/bibli_boletim/bibli_bol_2006/livro_refugio_e_hospitalidade_distribuicao_web.pdf#page=309> Acesso em: 15 jan. 2017

CANCLINI, N.G. **Culturas híbridas**. São Paulo: EDUSP, 2011.

CANDAU, V. M. Direitos humanos, educação e Interculturalidade: as tensões entre a igualdade e diferença. **Revista Brasileira de Educação**. v.13, n.37, jan-abr. 2008.

CARVALHO, S. C. Políticas de promoção internacional da língua portuguesa: ações na América Latina. **Trab. Líng. Aplic.** v. 2, n.51, p.459-484. Campinas, jul-dez, 2012.

CÉSAR, A. L.; CAVALCANTI, M. C. Do singular para o multifacetado: o conceito de língua como caleidoscópio. In: CAVALCANTI, M. C; BORTONI-RICARDO, S. M. (orgs). **Transculturalidade, linguagem e educação**. Campinas: Mercado das Letras, 2007.

COTINGUIBA, M. L. P; COTINGUIBA, G. C. Imigração haitiana para o Brasil: os desafios no caminho da educação escolar. **Revista Pedagógica**. Chapecó, v.17, n.33, p. 61-87, Jul.-Dez. 2014. Disponível em: <<http://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/2843/1647>> Acesso em: 15 jan. 2017

FERNANDES, D.; FARIA, A. V. A diáspora haitiana no Brasil: o processo de entrada, características e perfil. In: BAENINGER, R. et al (orgs.). **Imigração Haitiana no Brasil**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

FERNANDJES, N. Curso ensina português para haitianos. **Diário do Grande ABC**, Região do ABC Paulista, 03 ago. 2014. Disponível em: <<http://www.dgabc.com.br/Noticia/783561/curso-ensina-portugues-para-haitianos>> Acesso em 24 jan. 2017.

FIGUEIRA, D. Voluntários ensinam língua portuguesa para haitianos. **Diário de Canoas**, Canoas, 01 dez. 2015. Disponível em: <http://www.diariodecanoas.com.br/_conteudo/2015/12/noticias/regiao/247072-voluntarios-ensinam-lingua-portuguesa-para-haitianos.html> Acesso em: 23 jan. 2017.

FULGÊNCIO, C; MARCEL, Y. Missionária gaúcha ensina português a imigrantes em abrigo de Rio Branco. **G1**, Porto Velho, 03 jul. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2015/07/missionaria-gaucha-ensina-portugues-imigrantes-em-abrigo-de-rio-branco.html>> Acesso em 27 jan. 2017.

HAITIANOS refugiados que trabalham em Cascavel aprendem português. **G1**, Cascavel, 03 abr. 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2012/04/haitianos-refugiados-que-trabalham-em-cascavel-aprendem-o-portugues.html>> Acesso em: 27 jan. 2017.

HAITIANOS residentes em Pinhais recebem aulas de português. **Prefeitura de Pinhais**, Pinhais, 03 set. 2015. Disponível em: <<http://www.pinhais.pr.gov.br/News7content10296.shtml>>

- NORONHA, M. Estudante ensina português a haitianos em Cocal. **Engleplus**, Criciúma, 29 out. 2015. Disponível em: <<http://www.engeplus.com.br/noticia/cultura/2015/v-deo-estudante-ensina-portugues-a-haitianos-em-cocal/>> Acesso em: 23 jan. 2017.
- NOVAES, M. Refugiados iniciam curso de português para recomeçar vida no Brasil. **Terra**, São Paulo, 13 abr. 2013. Disponível em: <<https://noticias.terra.com.br/brasil/sp-refugiados-iniciam-curso-de-portugues-para-recomecar-vida-no-brasil,28d981c94e40e310VgnVCM4000009bcceb0aRCRD.html>> Acesso em: 23 jan. 2017.
- OLIVEIRA, G. M; ALTENHOFEN, C. V. O in vitro e o in vivo na política da diversidade linguística do Brasil. *In*: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V; RASO, Tommaso. (orgs.) **Os contatos linguísticos do Brasil**. Belo Horizonte: UFMG, 2011.
- OLIVEIRA, R. B. Terremoto no Haiti: lições de uma catástrofe. **J. Bras. Nefrol.**, São Paulo, v. 32, n. 3, p. 225-226, set. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-28002010000300001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 20 jan.2017.
- PARA amenizar dificuldades, projeto ensina português a haitianos, em RO. **G1**, Porto Velho, 02 mai. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2013/05/para-amenizar-dificuldades-projeto-ensina-portugues-haitianos-em-ro.html>> Acesso em: 24 jan. 2017.
- PIMENTEL, M. L; et al. O crioulo haitiano e o seu reconhecimento político. **Universitas Relações Internacionais**, Brasília, v. 14, n. 1, p. 31-40, jan-jun, 2016. Disponível em: <<https://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/relacoesinternacionais/article/viewFile/3921/3083>> Acesso em: 15 jan. 2017
- RASO, T. et al. Os contatos linguísticos e o Brasil: dinâmicas pré-históricas, históricas e sociopolíticas. *In*: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V; RASO, Tommaso (orgs). **Os contatos linguísticos e o Brasil**. Belo Horizonte: UFMG, 2011.
- RITZ, J. Cento e vinte haitianos recebem certificados em língua portuguesa. **Bem Paraná**, Curitiba, 28 jun. 2016. Disponível em: <<http://www.bemparana.com.br/noticia/451030/cento-e-vinte-haitianos-recebem-certificados-em-lingua-portuguesa>> Acesso em: 23 jan. 2017.
- RITZ, J. Projeto atende adultos e crianças haitianas em Curitiba. **Bem Paraná**, Curitiba, 08 nov. 2015. Disponível em: <<http://www.bemparana.com.br/noticia/414150/projeto-atende-adultos-e-criancas-haitianas-em-curitiba>> Acesso em: 23 jan. 2017.
- RODRIGUES, L. C. B. **Francês, crioulo e vodou: a relação entre língua e religião no Haiti**. 2008. 259 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <<http://www.letas.ufrj.br/pgneolatinas/media/bancoteses/luizcarlosbalgarodriguesdoutorado.pdf>> Acesso em: 15 jan. 2017.
- SILVA, M. (a) Cáritas promove curso de português para haitianos em PG. **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, 07 nov. 2016. Disponível em: <<http://www.diariodoscamos.com.br/cidades/2016/11/caritas-promove-curso-de-portugues-para-haitianos-em-pg/2277584/>> Acesso em: 23 jan. 2017.
- SILVA, S. A. (b) A imigração haitiana e os paradoxos do visto humanitário. *In*: BAENINGER, R. et al (orgs.). **Imigração Haitiana no Brasil**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.
- THOMÉ, L. Imigrantes são diplomados em curso de língua portuguesa em Florianópolis. **Hora de Santa Catarina**, Florianópolis, 12 jul. 2016. Disponível em: <<http://horadesantacatarina.clicrbs.com.br/sc/geral/noticia/2016/07/imigrantes-sao-diplomados-em-curso-de-lingua-portuguesa-em-florianopolis-6571740.html>> Acesso em: 23 jan. 2017.
- VILLEN, P. Periféricos na Periferia. *In*: BAENINGER, R. et al (orgs.). **Imigração Haitiana no Brasil**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

VOLUNTÁRIOS de Rio Preto, SP, ensinam língua portuguesa para haitianos. **G1**, São José do Rio Preto e Araçatuba, 18 jan. 2015. Disponível em: < <http://g1.globo.com/sao-paulo/sao-jose-do-rio-preto-aracatuba/noticia/2015/01/voluntarios-de-rio-preto-sp-ensinam-lingua-portuguesa-para-haitianos.html> > . Acesso em: 23 jan. 2017.

NOTAS

Artigo apresentado e publicado nos anais do IX Seminário Estadual de Estudos Territoriais (IX SEET) e I Seminário Internacional de Estudos Territoriais (ISIET) em junho de 2017 na cidade de Foz do Iguaçu, e é parte da dissertação de mestrado de Fátima Regina Cividini com o título “Migrantes Haitianos no Brasil (2010-2017): Tensões e Fronteiras, sob a orientação do Prof. Dr. Valdir Gregory.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-019-3

